

CASAMENTOS ENTRE BRASILEIRAS E HOLANDESES: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DOS FILHOS NOS PROCESSOS DE DECISÃO SOBRE MIGRAR OU RETORNAR PARA O PAÍS DE ORIGEM

VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO*

RESUMO

Este artigo discute a importância dos filhos nos processos de tomada de decisão de brasileiras que migram para viver com parceiros holandeses na Holanda. Baseia-se em uma pesquisa etnográfica e entrevistas em profundidade realizadas com mulheres brasileiras em relacionamento com homens holandeses entre os anos de 2012 e 2013. De acordo com as interlocutoras da pesquisa, ter ou não ter filhos e a idade destes são fatores importantes para ponderar os riscos, as vantagens e as desvantagens de uma união que envolve a imigração para outro país. Por outro lado, o nascimento dos netos e a idade avançada podem levar as interlocutoras a retornarem ao Brasil. O artigo conclui que as motivações das mulheres estão além de fatores econômicos, e propõe que a análise das fases da vida é importante para verificar as motivações do processo de migração e do retorno para o país de origem.

PALAVRAS-CHAVE

Migração Internacional. Casamentos Mistos ou Binacionais. Maternidade.

ABSTRACT

This article discusses the importance of children in decision-making processes of Brazilian women who migrate to live in Holland with Dutch partners. It is based on ethnographic research and in-depth interviews con-

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou Pós-Doutorado na Vrije Universiteit (VU) Amsterdam.

ducted with Brazilian women in relationship with Dutchmen in 2012 and 2013. According to research participants, having or not having children and the age of children are important factors to consider risks, advantages and disadvantages of a union that involves immigration to another country. On the other hand, the birth of grandchildren and advanced age can make interlocutors return to Brazil. The article concludes that women motivations are beyond economic factors, and proposes that the analysis of the stages of life is important to analyze the migration process and the return to the country of origin.

KEYWORDS

International Migration. Mixed or Binational Marriages. Maternity.

INTRODUÇÃO

As motivações para migrar constituem uma das primeiras perguntas a serem respondidas por pesquisadores que investigam migração internacional. Autores já demonstraram que a resposta para essa pergunta não pode ser única, pois tratam-se de sujeitos de diferentes origens sociais e culturais, com pluralidade de trajetórias e projetos migratórios. Ainda assim, quando se trata de casamentos mistos ou internacionais, as mulheres que migram para viver com seus companheiros ainda são recorrentemente categorizadas por algumas pesquisas acadêmicas e pelo senso comum como mulheres jovens, provenientes de países pobres, as quais experienciam ascensão social por meio do relacionamento com um estrangeiro.

Este artigo baseia-se em uma pesquisa etnográfica realizada na Holanda com mulheres brasileiras em relacionamento com homens holandeses. A pesquisa evidenciou que essas “migrantes por amor” (ROCA GIRONA, 2007 e 2009) são provenientes de diferentes regiões brasileiras, camadas sociais e níveis educacionais. A pesquisa foi realizada com interlocutoras de idades que variavam de 18 a 65 anos. Algumas delas tinham iniciado os relacionamentos com os parceiros holandeses e migrado para a Holanda após os 40 anos de idade, demonstrando que as afirmações de senso comum não poderiam ser sustentadas.

Por meio dos depoimentos das interlocutoras da pesquisa, percebe-se que ter ou não filhos é um dos fatores que impactam nas decisões das mulheres brasileiras de iniciar ou manter os relacionamentos com homens holandeses. A idade também constitui fator importante – tanto a das mães quanto a dos filhos delas – a ser considerado nesse processo de migrar, assim como para romper o relacionamento e voltar para o Brasil. As interlocutoras da pesquisa foram unânimes ao afirmarem que pretendem retornar ao Brasil durante a velhice.

Desse modo, mais do que apresentar elementos conclusivos, pretende-se aqui destacar a necessidade de revelar a heterogeneidade do objeto de pesquisa, destacando as motivações para migrar de forma complexa. Ainda que possamos destacar padrões nos fluxos migratórios, a consideração de

múltiplos fatores da trajetória dos sujeitos – como ter ou não ter filhos, a idade destes e o nascimento dos netos – revela que a decisão sobre migrar, assim como a de permanecer na sociedade receptora ou retornar para o país de origem, envolve o repensar das fases da vida e de suas trajetórias. Isso não significa, no entanto, limitar-se ao plano individual de cada sujeito. Ao contrário, cada uma dessas experiências deve ser tomada não de forma única, mas como um *locus* de uma interação relacional entre determinações múltiplas e, por vezes, contraditórias (CERTEAU, 2007).

1. SOBRE CASAMENTOS MISTOS E O CONTEXTO DA PESQUISA

Embora utilizando o termo casamento misto, considero-o problemático. Para Fulchiron (1998), casal misto é aquele formado por dois sujeitos de origens étnicas ou culturais distintas. De acordo com o mesmo autor, seguindo uma concepção mais jurídica, seria a união entre duas pessoas de nacionalidades diferentes. Com Varro, podemos compreender que os termos casamentos misto e intercultural estão profundamente relacionados. Para a socióloga, o termo “misto” refere-se à dimensão intersubjetiva de relações entre amigos, vizinhos, colegas de escola ou entre cônjuges. Já a interculturalidade está ligada ao pertencimento dos indivíduos às entidades coletivas, que os identifica a uma cultura. Nas palavras da autora, enquanto a mixidade produz a mistura, uma identidade nova, a interculturalidade reintroduz a ideia de fronteira (VARRO, 2003). A interculturalidade levaria à mixidade, que estaria completa por meio dos filhos, o que leva ao entendimento de que os casais não são mistos *a priori*, mas podem se tornar. Seguindo as críticas de Williams, penso que os termos casamento “misto” ou “intercultural” devem ser desprovidos do caráter essencialista, o qual implicaria o pertencimento dos indivíduos a um grupo como algo claramente delineado ou estático, ampliando sua concepção para contemplar as dinâmicas e intercâmbios socioculturais.

Os dados aqui apresentados são resultados de uma pesquisa etnográfica realizada na Holanda em 2012, com 28 mulheres brasileiras casadas ou em relacionamento amoroso com homens holandeses. Todas as interlocutoras de minha pesquisa viviam na Holanda com os companheiros. Realizei conversas informais, algumas delas gravadas, e convivi com algumas dessas mulheres. Com algumas delas, foi possível também conversas com seus maridos e participar de momentos de intimidade familiar, como festas e refeições em família. Além disso, a leitura de *blogs* mantidos por brasileiras em relacionamento com holandeses e o acompanhamento de suas participações em redes sociais, como *Orkut* e *Facebook*, ajudaram-me a perceber as dúvidas, expectativas e representações dessas mulheres sobre os holandeses e a vida (com o cônjuge) na Holanda.

Segundo a Agência de Naturalização de Imigrantes dos Países Baixos (IND), há pouco mais de 13 mil brasileiros vivendo na Holanda, e por volta de 60% dessa população é composta por mulheres. Esse número, no entanto, pode ser maior, já que há um grande contingente de indocumentados.

A principal motivação para a migração, ainda de acordo com o IND, seria a formação ou reintegração familiar. De acordo com a agência holandesa de estatísticas CBS (*Centraal Bureau voor de Statistiek*), o número de casais formados por brasileiras/os e holandeses/as quase dobrou entre 2001 e 2011, passando de dois mil para 4,1 mil.¹

Como afirmei na introdução deste artigo, as interlocutoras de minha pesquisa são provenientes de diferentes Estados brasileiros, idades e classes sociais. Elas conheceram seus companheiros também de diferentes formas: no Brasil, quando os holandeses foram até o país a negócios ou férias; pela internet, por meio de redes sociais ou *sites* de relacionamento; outras migraram para a Holanda indocumentadas e conheceram seus companheiros no país. Nos dois primeiros casos, ocorreram visitas do atual companheiro no Brasil e também da brasileira à Holanda e a manutenção de um relacionamento a distância em um período que pode variar entre um e três anos até a decisão da mudança da mulher para o país europeu.

Para conseguir o visto de residência para viver legalmente na Holanda com seus parceiros, as brasileiras de minha pesquisa tiveram de passar, ou terão ainda de passar, por testes de idioma holandês e de cultura holandesa, além de cumprir outros requisitos.² O parceiro com cidadania holandesa precisa comprovar renda que permita sustentar sua companheira e ter endereço fixo. Os testes de idioma e cultura holandesa fazem parte de medidas adotadas pelo governo holandês em 2007, chamadas de Ato de Integração Civil. Segundo o *site* do governo holandês, essa política de integração é baseada em “valores holandeses” (ainda que não explicita quais seriam esses valores), e cada indivíduo é responsável por se integrar à sociedade e por aprender o idioma oficial do país. Ainda conforme o *site*, o governo está “se distanciando do relativismo contido na sociedade multicultural”, e essa política de integração de caráter obrigatório seria necessária para evitar a “fragmentação e segregação da sociedade”, que poderia resultar no “sentimento de ninguém se sentir em casa na Holanda”.³

É interessante perceber a importância das redes sociais na formação desses casais. Como relatam os estudos migratórios, elas, formadas por pessoas no país de origem e no país de destino, tornam a migração possível, pois fornecem moradia, emprego, apoio emocional e informações necessárias para a mudança e estabelecimento em um novo país (MASSEY, 1990; TILLY, 1990; BOYD, 1989). No caso dos relacionamentos afetivos, essas redes são responsáveis não apenas por apresentar os indivíduos, como no exemplo das brasileiras que migraram para a Holanda e conheceram seus parceiros por meio dos contatos de amigos. Uma das mulheres que conheceu o atual marido pela Internet foi incentivada a entrar em um *site* de encontros por uma amiga casada com um holandês que vive na Holanda. Após os primeiros contatos com um holandês, e a demonstração de seu interesse em encontrá-la no Brasil, este encontrou a amiga de sua pretendente e o marido dela em um café em Amsterdam. Após comprovar que era uma pessoa “confiável” e “trabalhadora”, ele foi ao Brasil conhecer pessoalmente sua futura companheira.⁴

As redes sociais também facilitam e possibilitam a comunicação entre o casal. Entre as interlocutoras de minha pesquisa, nenhuma delas falava holandês antes de migrar para a Holanda, e apenas duas falavam inglês. Outras tiveram a ajuda de amigos para se comunicar em inglês com o companheiro no primeiro encontro. Todas as mulheres destacaram que os holandeses têm facilidade para aprender novas línguas, por já terem estudado outros idiomas no período escolar. Dos companheiros dessas mulheres, apenas um já se comunicava em português antes de conhecer a parceira brasileira, enquanto outros aprenderam o português após o início do relacionamento, o que permite a comunicação deles com outros brasileiros. Encontrei apenas um holandês que se comunicava somente em inglês com a esposa brasileira. Em geral, esses homens holandeses trabalham em funções que podem ser relacionadas às camadas médias: engenheiro, advogado, dono de uma empresa de pequeno porte e técnicos de informática; um deles, com maiores condições financeiras, é executivo de uma empresa multinacional.

2. CASAMENTO, AFETOS E INTERESSES

A migração de brasileiros pode ser considerada recente se comparada a de outros grupos migrantes. O primeiro grande fluxo de imigração ocorreu nos anos 1980, quando indivíduos de camadas médias migraram, principalmente para os Estados Unidos, para escapar da crise econômica (ASSIS E SASAKI, 2001). Após o ano de 2001, o fluxo de brasileiros para os países europeus, como Portugal, aumentou em razão de medidas norte-americanas mais rígidas contra imigrantes indocumentados após o atentado terrorista de 11 de setembro.

As uniões entre mulheres brasileiras e homens europeus começaram a chamar a atenção dos pesquisadores principalmente a partir do ano 2000 (SANTOS, 2012a e 2012b; TOGNI, 2008; ASSIS, 2011; PISCITELLI, 2011; ROCA GIRONA, 2007 e 2010; ROCA GIRONA *et al.*, 2009; ROCA GIRONA E GARRIDO, 2012; RITTINER, 2010; ZAPPONI, 2012). Em alguns aspectos, tais como os processos de adaptação e as motivações para procurar um cônjuge estrangeiro, esses estudos podem ser semelhantes a outros que focam em relacionamentos afetivos entre homens europeus ou estadunidenses e mulheres asiáticas, eslavas e latinas (SCHAEFFER-GRABIEL, 2004; ROCA GIRONA, 2011; THAI, 2002 e 2008).

Piscitelli (2010) critica alguns estudos europeus sobre casamentos mistos que afirmam que muitas dessas uniões – principalmente as por conveniência, forçadas e de reunificação familiar – seriam perigosas para as mulheres, pois estas estariam propensas à violência doméstica e exploração sexual. Esses estudos, considera a antropóloga, seriam ingênuos e etnocêntricos por considerarem a total separação entre afetos e interesses e conceberem pouca agência dessas mulheres provenientes de países pobres.

Em concordância com essas observações, minha pesquisa toma como ponto de partida a intersecção entre afetos e interesses, dissolvendo a dicotomia entre “casamento por amor” e “casamento por interesse”, ou “casamento por papéis”. Como apontado por Piscitelli (2011), há relações entre

afetos, interesses e dinheiro. Em outras palavras, podemos considerar, como sugerido por Blanchette (2005), que todo casamento envolve interesses. O casamento, pensado a partir da obra de Bourdieu (1972), pode ser visto como estratégia de reprodução social. Para o sociólogo francês, os casamentos se realizam em um campo de jogo e envolvem riscos, e o “sucesso nesse jogo depende da habilidade de quem joga” (WOORTMANN, 2004). Nesse sentido, é importante pensar que existem as boas e as más alianças (WOORTMANN, 2004), para levar em conta as uniões bem e malsucedidas, tomando como ponto de partida as expectativas dos parceiros e como estes significam o sucesso (ou não) de uma relação.

Ao falar sobre suas uniões com holandeses, algumas das interlocutoras da pesquisa dizem que as uniões começaram por “acaso”, tanto aquelas que encontraram seus parceiros na Holanda, como no Brasil ou ainda pela Internet. Roca Girona (2005 e 2010), ao analisar casamentos entre espanhóis com mulheres de outras nacionalidades, propõe considerar as ideologias que permeiam essas uniões, como a narrativa do amor romântico (GIDDENS, 1993), para entender como os parceiros narram e significam seus relacionamentos. Esses discursos tenderiam a destacar que as uniões iniciaram de forma não intencional, justificando que o acaso ou o destino seriam responsáveis pelo encontro dos casais. Lembro também que esse discurso do acaso também se contrapõe às críticas comuns sofridas por muitas dessas mulheres (narradas durante minhas entrevistas) de terem se aproximado desses homens para obterem vantagens financeiras ou escaparem da pobreza. Assim como Roca Girona, penso que esses casamentos devem ser pensados como resultados de um processo de busca dos sujeitos, com graus variáveis de consciência dessa procura. Nesse sentido, essas uniões não podem ser pensadas como um encontro casual, propiciado pelo aumento da migração brasileira para aquele país, mas como produto dessa escolha (ROCA GIRONA, 2010).

Uma de minhas interlocutoras, diferentemente das outras participantes de minha pesquisa, explicitou sua preferência por homens holandeses. Ela migrou indocumentada para a Holanda, e trabalha fazendo limpezas em casas. No trecho da entrevista dela, a seguir, vemos como a união com um cidadão holandês, considerada por ela como preferencial, está relacionada à possibilidade de mobilidades, as quais podem ser entendidas como sociais e/ou geográficas:

Aqui eles [os brasileiros] não têm documento, e não podem ajudar elas em nada, entendeu. Pode acontecer que você conheça um brasileiro que você queira, que você goste, mas para viver aqui não vai dar... Vão ser duas pessoas sem muito futuro. Podem juntar dinheiro para ir embora para o Brasil, mas para viver aqui não daria. Eu não posso ajudar ele, ele não pode me ajudar. Eu queria poder viajar, conhecer países que eu não conheço. Aqui eu conheço só a Bélgica e Luxemburgo. Eu queria conhecer a Inglaterra, por exemplo. Pra você ir para lá, muito difícil. Eu queria ir só para conhecer. Eu falei para minhas amigas: é tão próximo de outros países, é tão barato para ir, e não poder ir. Aqui você pode ir para a Irlanda.

Eu já vi promoções que você paga sete euros. Imagina, sete euros! (Nara, 28 anos)

Acima, vemos ainda como Nara cita o termo “ajuda”. Piscitelli lembra que esse termo, que é amplamente difundido no Brasil, principalmente em camadas médias e populares, também é recorrente entre migrantes brasileiros no exterior. O termo, que costuma ser associado a contribuições econômicas, também pode ser trocado por sexo, amparo, afeto e cuidados (PISCITELLI, 2011, p. 559).⁵ No caso de Nara, a “ajuda” seria a possibilidade de conseguir “papéis” para viver legalmente na Holanda, viajar para outros países e ter a possibilidade de ir ao Brasil e retornar à Europa, sem o risco de não ser barrada em aeroportos e deportada.⁶

Com a emergência do que Appadurai chama de “imaginação global”, casamentos que cruzam as fronteiras dos Estados-Nação se tornaram comuns. Esses casamentos são especialmente interessantes para acadêmicos porque as escolhas não são aleatórias, sem referências à classe, gênero, nacionalidade ou etnicidade. Ao contrário, eles seriam *marriage-scapes*, configurados e limitados por fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Esses *marriage-scapes* refletem também certos padrões generificados. Nesse sentido, as uniões ocorrem, em maior frequência, entre mulheres de países pobres do sul e homens de países ricos do norte (CONSTABLE, 1998). Apesar desses padrões, esses casamentos não ocorrem apenas por “geografias econômicas”. Como mostra Constable (1998), há também “geografias de desejo” (PFLUGFELDER, 1999), ou lugares de desejo formados por confluências entre culturas e intercâmbio, ao invés de um fluxo unidirecional de poder e desejo (JOLLY E MANDERSON, 1997). Young (2005) lembra que os desejos dos brancos europeus pelos “Outros” provenientes das periferias do globo também estão atrelados à história do colonialismo e do imperialismo. Nesse sentido, o desejo não pode ser visto de forma essencializada, mas como produto de relações históricas, hierárquicas e desiguais.

Ao considerar essas uniões, devemos também nos atentar para as imagens construídas e enraizadas sobre as mulheres “não ocidentais”, principalmente eslavas, asiáticas e latinas, as quais incluem as mulheres brasileiras. As representações dessas mulheres estão associadas à natureza (em oposição à cultura), o que as caracteriza como irracionais, mais emotivas e sensuais, e também à domesticidade, com características de passividade, maternidade, submissão e especial habilidade para as tarefas de cuidado (PISCITELLI, 2010; GREGORIO, 2002; ROSALDO E LAMPHERE, 1974). Por outro lado, as representações sexualizadas das mulheres brasileiras também podem levar a um empoderamento delas, como aponta Piscitelli (2009). Ao interiorizarem e positivarem a sensualidade e sexualidade a elas associadas, as mulheres também podem utilizar esses atributos a seu favor, como forma de capital que pode lhes proporcionar ascensão social. Nesse sentido, sua beleza e juventude física lhes garante um sentimento de superioridade em relação às mulheres europeias. Como mostro mais adiante neste texto, as brasileiras caracterizam as holandesas de forma a justificar a escolha de seu cônjuge.

Essas representações são generificadas. Nesse sentido, torna-se importante a observação de Hondagneu-Sotelo (1994) de que a categoria gênero

não pode ser tomada apenas como variável, mas como um conjunto de relações que organizam os padrões dos processos migratórios. Concordando com a autora, Pessar (2005) afirma que as relações de gênero são desafiadas e renegociadas pelos migrantes, pois estes, ao se deslocarem para outras sociedades, deparam-se com ideologias e práticas de gênero alternativas.⁷ Com Mahler, Pessar desenvolve o conceito de “geografias generificadas de poder”, que permite analisar as relações de gênero em contextos transnacionais. De acordo com Mahler e Pessar (2001), em múltiplas escalas sociais e espaciais que atravessam os territórios transnacionais, as relações de gênero podem ser reafirmadas ou reconfiguradas. Por meio dessas geografias generificadas de poder, os sujeitos são localizados socialmente, dentro de relações desiguais e hierárquicas. Essas diversas posições, segundo Piscitelli (2003), possibilitam diferentes agências, entendidas em seus aspectos cognitivos que envolvem imaginação, planejamento e estratégias, como práticas concretas.

Embora aplicável em alguns casos, o conceito de hipergamia (quando a mulher ascende socialmente por meio do casamento) não deve ser generalizado. Muitas delas que cruzam fronteiras para se casarem com homens estrangeiros não são pobres, mas pertencentes às classes médias urbanas. Além disso, classificar esses processos como hipergamia mascararia os inúmeros paradoxos que cercam essas uniões (CONSTABLE, 1998).

O conceito de “geografias generificadas de poder”, assim como o de geometrias de poder, de Doreen Massey (1994), ajudam a entender não apenas quem se desloca por meio dessas uniões, como também como alguns grupos não participam desse fluxo. Embora existentes, as uniões entre homens brasileiros e mulheres holandesas não são tão comuns. Neste artigo, esses casamentos não serão explorados. Cabe, no entanto, salientar que algumas dessas uniões ocorrem entre homens brasileiros negros e capoeiristas, o que pode servir para problematizar as representações de sensualidade e sexualidade, juntamente a outros imaginários, que incluem alguns homens brasileiros.

3. MAIOR AGÊNCIA E AUTONOMIA?

Quando descrevem os parceiros holandeses, e também os homens holandeses de forma geral, as interlocutoras de minha pesquisa reproduzem as características atribuídas aos “Homens do Norte”,⁸ como apontado por alguns autores, que seriam associados a uma “masculinidade sensível”.⁹ Nesse sentido, as brasileiras caracterizam os holandeses de forma homogeneizante, sem nuances, como camada e origem social ou faixa etária. Elas os descrevem em comparação com os homens brasileiros. Em relação a estes, os holandeses não seriam machistas,¹⁰ seriam mais leais e honestos, como pode-se perceber nos trechos das entrevistas abaixo:

Por isso que é bom namorar homem holandês. No Brasil, eu ouço um monte de histórias. Eu ligo para minha irmã e ouço que fulano de tal se separou, fulano de tal traiu. Aí eu penso: ah vou me relacionar com brasileiro? Vou correr risco? Aqui é

mais seguro nessa parte. Eu acho que vou ficar com holandês mesmo. (Nara, 28 anos)

Eu acho que, por exemplo, não são ciumentos, não são machistas... aqui, como não se tem empregada, não se tem babá, é comum o homem ficar com as crianças para as mulheres saírem com as amigas. Como ela também fica para ele sair. Outra coisa muito comum: ele viaja com os amigos e ela também. Não se tem questionamento. (Mariana, 43 anos)

No último depoimento acima, a interlocutora cita que os homens holandeses costumam dividir as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Esses discursos são bastante recorrentes entre as mulheres brasileiras da pesquisa. No entanto, é interessante atentar para as contradições entre discurso e prática. Ainda que admirem os holandeses por estarem dispostos a dividir atividades como cuidar das crianças, limpar a casa e cozinhar, as brasileiras ouvidas durante o trabalho de campo realizavam a maior parte dessas tarefas domésticas. Segundo elas mesmas, isso ocorre por sua dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Para trabalharem legalmente, essas brasileiras enfrentam barreiras, como a falta de fluência no idioma holandês e a dificuldade de reconhecimento dos cursos técnicos e universitários concluídos no Brasil.¹¹

Em seus relacionamentos afetivos com holandeses, as interlocutoras da pesquisa dizem experienciar maior agência e autonomia em relação aos seus relacionamentos anteriores com homens brasileiros. Com recorrência, falam que os holandeses “não têm ciúmes”, como podemos ver em um dos depoimentos anteriores. No entanto, pontua que essa autonomia não é financeira, já que quatro das seis entrevistadas dependem economicamente de seus companheiros. Apenas as mulheres que trabalham como faxineira, “no preto”, para usar uma expressão utilizada por elas, que conheceram seus atuais companheiros após migrarem para a Holanda, trabalham e dividem as despesas da casa. De modo geral, as interlocutoras dizem se sentir mais “livres” ou autônomas por terem liberdade para viajarem sozinhas ou com amigos, usarem a roupa que desejarem, sem a intromissão do companheiro, terem amizades com outros homens. É importante destacar também que, além da dependência econômica, durante os primeiros anos de relacionamento, essas mulheres também dependem de seus companheiros para manterem seu *status* migratório legal na Holanda.

Nicole Constable mostra que cada cônjuge pode ter diferentes expectativas em relação a seus parceiros. Analisando casais formados por uma mulher asiática e homens estadunidenses, a autora afirma que, enquanto os homens esperam que suas mulheres tenham valores mais tradicionais, as mulheres esperam que seus esposos tenham valores mais modernos que os homens de seu país de origem. Desse modo, ao contrário do que afirma o senso comum, essas uniões tendem a ser entre homens mais conservadores e mulheres mais liberadas. Essa disparidade de expectativas seria encontrada entre mulheres de países pobres e homens de países mais ricos (CONSTABLE, 1998).

Quando perguntadas sobre a preferência de seus companheiros por uma mulher de outra nacionalidade, as interlocutoras de minha pesquisa

justificavam que as mulheres holandesas costumam ser “chatas” ou “muito mandonas” e “muito exigentes”. Algumas entrevistadas citavam que as holandesas, ao contrário das brasileiras, estavam menos disponíveis para o sexo com o companheiro. Na fala de uma de minhas interlocutoras, que apresento a seguir, além da “exigência”, ela sugere a assimetria entre os parceiros em uma união entre uma brasileira e um holandês, considerando a “superioridade” dos holandeses e das holandesas.

As mulheres daqui são muito exigentes. (...) Elas são muito independentes. Gostam de homem que tenha bom trabalho, bom carro. Em termos de homem para mulher, eles têm menos preconceito, mas de uma mulher holandesa... mais difícil. Elas são muito independentes aqui... têm o carro delas, o emprego delas, ganham bem, viajam, elas não têm filhos, então é difícil para um homem brasileiro, eu acho (...) Até para namorar com holandês aqui elas exigem muito... Tem de ter um bom trabalho, bom carro, uma vida financeira muito boa. (...) De qualquer maneira, nós [brasileiros] somos inferiores, mulheres e homens. (Nara, 28 anos)

Nesse trecho da entrevista de Nara, a inferioridade dos brasileiros estaria relacionada a seu pertencimento a camadas sociais e condições econômicas menos privilegiadas, o que aponta para as desigualdades e hierarquias sociais que permeiam as relações entre os sujeitos dos dois países.

Alguns estudos trazem que os casamentos ou relacionamentos afetivos são portas para a migração. Mas também é preciso considerar que a migração se constitui como porta para o casamento ou relacionamento afetivo. Isso porque a conjugalidade aparece como um importante fator para as interlocutoras de minha pesquisa. Ainda que se considerem mulheres independentes, viver com um parceiro aparece com grande valor social, para se distanciarem dos estigmas que ainda acompanham as mulheres solteiras, principalmente as que têm por volta de 40 anos ou mais, e que nunca se casaram e/ou nunca tiveram filhos.

Algumas de minhas interlocutoras tinham em comum o fato de terem passado por um divórcio ou decepção amorosa antes de conhecerem o atual companheiro holandês e decidirem mudar-se para a Holanda. Todas as mulheres com quem conversei contaram que essa decisão foi tomada após a consideração das condições financeiras do casal. Em geral, disseram que seria mais difícil para o namorado conseguir um trabalho que pudesse manter seu estilo de vida e, principalmente, seu padrão de consumo no Brasil. Por exemplo, Adriana, professora no Brasil, disse que se o atual marido decidisse morar com ela em São Paulo, eles não teriam como jantar em restaurantes com frequência, como fazem em Amsterdam.

4. SER OU NÃO SER MÃE, E O PAPEL DOS FILHOS

Além das qualidades citadas anteriormente, as quais caracterizam positivamente os parceiros holandeses como sujeitos menos machistas que os brasileiros e dispostos a partilhar as atividades domésticas, as mulheres

brasileiras com quem tive contato durante o trabalho de campo avaliam que os holandeses, diferentemente dos homens brasileiros, aceitam os filhos de relacionamentos anteriores de suas parceiras “como sendo filhos delas”. Essas afirmações levam a refletir sobre o papel dos filhos dessas brasileiras nos relacionamentos do casal e a importância deles nessas uniões. Uma das interlocutoras entrevistadas, por exemplo, contou que a decisão de ir morar na Holanda com o namorado que conheceu pela internet levou em consideração o fato de poder dar “um futuro melhor” para a filha, pois considera que ela terá uma educação de qualidade e “mais oportunidades” na Europa do que se permanecesse no Brasil.

O amor materno e a valorização da maternidade são aqui considerados de forma não essencializada, mas como partes de um processo sociocultural e histórico. Toma-se como referência o estudo de Badinter (1985) sobre a construção do sentimento maternal, o qual mostra que a dedicação e o interesse das mães pelos filhos não são universais, nem existiram em todas as épocas e contextos sociais. O papel da mãe ou esposa passou a ser valorizado a partir das últimas décadas do século XVIII, ao mesmo tempo em que o capitalismo se consolidava como ordem econômica. O papel de mãe, nesse novo contexto, foi importante na divisão sexual do trabalho (CHODOROW, 1980).

Ao mesmo tempo em que ocorreu essa “construção da maternidade”, houve também um processo de construção da infância, no sentido de que estas passaram a ser vistas como seres vulneráveis, que necessitam de cuidados para seu desenvolvimento a longo prazo (ARIÈS, 1978). Giddens afirma que essa valorização da maternidade foi concomitante à emergência da ideologia do amor romântico, e à criação do lar, enquanto espaço simbólico, em oposição ao lugar de trabalho. Essas transformações tiveram duas facetas: por um lado, aumentaram a subordinação das mulheres à vida doméstica; por outro, conferiram certo poder a essas mulheres, as quais passaram a ter maior controle sobre os filhos, e viram o domínio dos homens sobre os lares diminuir de forma progressiva. Representaram, assim, o desenvolvimento de domínios da intimidade por parte das mulheres e possibilitaram uma expressão do poder feminino (GIDDENS, 1993).

Entre minhas interlocutoras, a decisão de ter um filho com o companheiro holandês coincidia com a decisão de se estabelecer na Holanda de forma definitiva, ou, pelo menos, até que a criança completasse 18 anos. Elas argumentavam sobre a qualidade do ensino holandês e sobre as melhores condições de vida para criar uma criança na Holanda. Mas também concordavam que, caso se separassem de seus companheiros, dificilmente conseguiriam autorização do pai de seus filhos para morar com eles no Brasil. Segundo essas brasileiras, os homens holandeses são mais participativos no cuidado dos filhos do que os homens brasileiros, e raramente consentiriam que o filho fosse morar com a mãe em outro país.

“(...) os holandeses não querem que o filho vá ser criado em outro país, em um país de terceiro mundo. Meu marido já disse: se eu morrer, e a gente tiver um filho, você vende a casa e tudo, mas... [não volte para o Brasil]” (Vania, 37 anos)

“Se você tem um filho, pesa muito. Porque é o sistema deles, eles não vão permitir e outra coisa. Aqui não é como no Brasil que os homens não querem a guarda. Aqui não. Eles lutam pela guarda do filho. (...) Aqui, quando eles querem ser pais, eles são pais indo e voltando. Não é só ser pai para coisa material, para comprar um filho, como acontece no Brasil, infelizmente. Aqui pai e mãe são pai e mãe.” (Carina, 24 anos)

Ter ou não filhos também é um dos fatores que impactam na decisão sobre morar ou não na Europa com o companheiro holandês. Clarissa, que mora há oito anos na Holanda, tinha 36 anos quando conheceu o atual marido pela internet. Recém-divorciada, viajou para alguns países europeus, inclusive a Holanda, onde conheceu pessoalmente o companheiro com quem mantinha amizade pela internet. Ela contou que se apaixonou por ele quando o viu. A decisão de migrar para viver com o companheiro ocorreu após avaliar sua atual condição e a do atual companheiro. Segundo ela, *“aos 30 e poucos anos, você não vai mudar sua vida completamente, né”*. Clarissa acredita que o fato de não ter tido filhos facilitou a decisão.

Entretanto, algumas mulheres que migraram com filhos do casamento anterior elogiavam os homens holandeses por criarem os filhos de suas companheiras *“como se fossem seus filhos de sangue”*. Apesar de terem casamentos bem-sucedidos entre holandeses e brasileiras, cujos filhos destas últimas foram bem recebidos pelos maridos, há casos em que ter filhos pode dificultar o rompimento de relacionamentos violentos ou malsucedidos. Isso porque, para permanecer legalmente no país, o cônjuge estrangeiro depende legalmente do cidadão holandês para manter seu visto nos três primeiros anos de relacionamento. Os filhos que acompanham as mães no exterior também são dependentes do homem holandês pelo mesmo período. Tania mudou-se para a Holanda com os dois filhos adolescentes para morar com o namorado. Após meses de relacionamento, o companheiro começou a ter problemas de alcoolismo e a ser violento com ela. Ele ameaçava de contar à polícia que não estavam mais juntos, o que a levaria a perder o visto provisório. Ela contou que, após alguns anos, o fato de os filhos terem se mudado para viverem sozinhos e de ter uma vida mais independente possibilitou que ela terminasse a relação.

O papel dos filhos, portanto, é ambivalente nesses relacionamentos. Por um lado, não tê-los torna a decisão de migrar mais fácil. Por outro, o relacionamento com homens holandeses aparece nos discursos como forma de oportunizar um futuro melhor para os filhos. Algumas de minhas interlocutoras com mais de 50 anos já tinham filhos adultos vivendo no Brasil. É o caso também de Maria, que tem uma filha que estuda Medicina e mora com ela: *“Sou empregue de dela”*. A filha pretende se casar no ano que vem, o que significaria uma nova etapa na vida da mãe, que pensa em se mudar para a Holanda para viver com o namorado que conheceu através de um site de relacionamento.

Já Marta resolveu migrar pela segunda vez para a Holanda após o casamento da filha. Na primeira vez, era recém-separada e deixou a filha com uma prima. Seu objetivo era pagar a faculdade da filha. Trabalhou como

faxineira por cinco anos, e conseguiu pagar a faculdade da filha e comprar um pequeno apartamento no Brasil. Voltou para o Brasil e, quando acabou o dinheiro que tinha guardado, migrou para os Estados Unidos, onde ficou por três anos. Voltou ao Brasil para o casamento da filha, que foi morar no apartamento da mãe com o marido. Marta, sem dinheiro, resolveu migrar novamente para a Holanda. Lá conheceu seu namorado holandês. Ela disse que esse relacionamento a fez passar 12 anos fora do Brasil. Quando a entrevistei, ela tinha decidido voltar, por saudades da filha e da neta recém-nascida.

Mas na minha cabeça, eu, ficando legal, trabalharia, e conseguiria, mais a miúdo, ver minha filha. Ao invés de uma vez por ano, eu poderia ir mais vezes e ela vir. Mas isso não acontece. Porque depois da papelada, você vê que tudo aquilo que você imaginou não é real. E o que aconteceu: eu nem abracei a Holanda, nem abracei o Brasil. Eu fiquei no meio. E ficar dividida é a pior coisa que pode te acontecer. Eu não recomendo. Eu acho que se a pessoa pensa em sair do país dela para ir para outro, ela tem de pensar com a razão, pensar muito bem. Porque ou ela abraça o país novo, se legaliza, trabalha, tem uma vida normal. Agora eu tenho isso aqui, mas não tenho minha família, não tenho minha filha, não tenho minha neta aqui. Então é uma tortura que tem dentro de mim. (...) Isso muda de pessoa para pessoa. Eu sou mãe-mãe, eu sou vó-vó mesmo. Eu tenho um sentimento de mãe, eu tenho um sentimento de vó. E está sufocante.

Marta estava decidida a deixar o companheiro e mudar-se para o Brasil. Seus planos eram cuidar da neta enquanto a filha trabalha e, no futuro, conseguir um emprego. No entanto, ela sabia das dificuldades em voltar a trabalhar aos 56 anos e após 12 anos fora do mercado de trabalho no Brasil.

Gente, eu já tenho 56. Cada ano que passa, que eu faço aniversário... Eu não tenho nada contra minha idade não, viu? Eu acho que eu tô muito bem, muito melhor que muita gente aos 20 anos. Mas o que está pegando é que eu estou vendo os anos passarem, e eu quero aproveitar minha neta e minha filha enquanto eu tô de pé e com energia para andar, para brincar, enquanto eu tô bem disposta e não quando eu estiver doente e em uma cama.

Marta tomou a decisão de voltar ao Brasil para ficar mais perto da filha e da neta após anos de frustração na Holanda. Morando lá legalmente em razão do relacionamento com um holandês, ela esperava ir e voltar do Brasil com frequência. Entretanto, ainda trabalhava ilegalmente, como faxineira, e seus ganhos eram insuficientes para tantas viagens. Ela admite que seu marido “tem uma parcela de culpa” nessa frustração.

Ir e vir do Brasil seria a solução para conviver com a distância dos filhos, netos e parentes que deixaram em seu país de origem. Miriam vive há 13

anos na Holanda, e “não se desfez de nada do que tem no Brasil”, como casa e planos de saúde. Em entrevista, ela me disse que sabia que conseguir emprego na Holanda aos 43 anos sem nunca ter trabalhado no país e nem dominar o idioma não seria fácil. Por isso, não tentou, nem se submeteria a trabalhos geralmente feitos por imigrantes com pouca qualificação, como limpeza: “*Quem é acostumada a trabalhar com o intelecto dificilmente aceitará qualquer coisa*”. Miriam era coordenadora de uma escola no Brasil, e após algum tempo na Holanda, criou uma página na internet para dar informações aos brasileiros que vivem no país.

No entanto, nem todas as mulheres podem ir e voltar ao Brasil com frequência. As frequentes viagens têm um alto custo. Por isso, a importância de “criar raízes” e “ter uma ocupação”, mesmo não remunerada. As dificuldades em aprender o novo idioma e conseguir um emprego era algo que todas concordavam, e estavam justificadas pela idade. Segundo Elaine, a situação é diferente para quem migra aos 20 anos e tem filhos em outro país, como ela própria, que mora há 25 anos na Holanda com o marido e os filhos.

Boa parte das interlocutoras de minha pesquisa revelou a vontade de voltar a viver no Brasil durante a velhice, após os 70 ou 80 anos. Essa vontade está mais presente entre aquelas que não têm filhos ou cujos filhos vivem no Brasil. Elas argumentam que a velhice na Holanda é muito solitária e triste, e caracterizam essa etapa da vida como aquela em que os indivíduos necessitam ser cuidados por seus filhos ou parentes próximos. Segundo elas, os idosos vivem em asilos e raramente recebem visitas dos familiares na Holanda.

“Não quero ficar velhinha na Holanda...nada a ver com o sistema e sim com uma decisão minha, já que me mudei para cá com quase 50 anos e tenho filhos e neto no Brasil. Aqui na Holanda eu acabaria sozinha na minha velhice, isso eu não quero. (...) eu acho fundamental ter família por perto na velhice...não quero acabar em um asilo sem visitas, sem ninguém para me acompanhar...” (Miriam)

“Eu penso na velhice. Porque a velhice na Holanda é muito triste. Nós não temos filhos. É claro que é tudo muito bem organizado. Você vai para uma casa de velhos... Mas eu acho que a velhice é muito triste aqui. Na velhice no Brasil, a família cuida de você. É uma coisa muito mais social. E aqui as pessoas não têm a cultura de cuidar de seus mais velhos. Meu pai faleceu em 2010. E o Ron ficou tocado com isso. Meu pai ficou doente, a gente foi para o Brasil, e ele viu como é a família cuidar de uma pessoa doente no Brasil. Meu pai estava em casa, com um balão de oxigênio, a gente ia lá, passava creminho no cotovelo, esses cuidados que a família brasileira tem, ou talvez seja uma coisa latina, não sei. E o Ron ficou tocado com isso. Ele pensa em ir para o Brasil também. A iniciativa partiu dele. Eu via os documentários e dizia: eu não quero viver em um asilo, sendo cuidada por outro, cada um que vem me dá banho, sabe? Uma amiga minha diz: se eu ficar doente, ou ficar louca, me manda para o Brasil, porque uma prima de quinta geração vai cuidar de mim. Sua vizinha

vai cuidar de você. Aqui é tudo muito organizado, mas é tudo profissional.” (Clarissa)

Nos depoimentos acima, as interlocutoras demonstram as expectativas em relação aos filhos e aos demais membros da família em relação ao cuidado dos pais e dos idosos da família. No Brasil, há uma lei que estabelece que o cuidado dos idosos é de responsabilidade, em primeiro lugar, dos filhos. Além disso, como esclarecem as interlocutoras, os filhos moram na casa dos pais por um período mais longo do que nas famílias holandesas, e têm contato mais frequente. Segundo elas, isso caracterizaria laços mais fortes, além de maiores relações de solidariedade e obrigações mútuas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe algumas considerações sobre as uniões afetivas entre brasileiras e holandeses. Para além dos fatores econômicas, esses relacionamentos possuem motivações diversas, longe de poder ser considerado um quadro homogêneo de hipergamia. As mulheres que migram para viver com seus companheiros enfrentam dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho holandês, mesmo as que têm diplomas de curso superior no Brasil e falam inglês sem dificuldades. Apesar de ter presenciado muitos problemas enfrentados pelas brasileiras em situações de separações, como situações de violência doméstica, a luta pela guarda dos filhos, as decisões entre voltar para o Brasil ou permanecer na Holanda, muitos desses relacionamentos podem ser considerados bem-sucedidos, levando em consideração a avaliação feita pelos cônjuges.

O artigo mostrou como as representações homogeneizantes sobre mulheres brasileiras (consideradas sensuais/sexuais) e dos homens europeus (não machistas) permeiam esses relacionamentos, de forma semelhante a outros casamentos mistos descritos na literatura socioantropológica. Ainda que parte dessa literatura mostre que essas mulheres não podem ser simplesmente caracterizadas como jovens pobres do Hemisfério Sul, tornou-se necessário evidenciar que há variedades de vivências e expectativas experienciadas entre mulheres de diferentes idades que se engajam nessas uniões, assim como fatores relacionados a suas fases de vida que impactam em suas decisões de iniciar, manter ou romper seus relacionamentos.

Um desses fatores nos processos de decisão é sobre ter ou não ter filhos. Se, por um lado, minhas interlocutoras narram oportunidades de “dar um futuro melhor” aos filhos de uniões anteriores, há o risco calculado em se ter filhos com parceiros holandeses, o que acompanha a decisão em morar permanentemente na Holanda. A idade e a fase da vida dos filhos também se mostram importantes. Quando os filhos atingem a idade adulta e se casam, “liberam” as mães das tarefas do cuidado, permitindo-as iniciarem novos relacionamentos afetivos. No entanto, os netos podem reinseri-las nessa tarefa – a exemplo do que ocorreu com uma interlocutora que resolveu romper seu relacionamento com um holandês, após o nascimento da neta no Brasil, para retornar ao país.

De modo semelhante, a chegada da velhice seria o momento de retornar ao Brasil, de acordo com as mulheres da pesquisa. Não se pretendeu aqui apontar em qual idade isso ocorreria, pois as fases da vida não estão necessariamente relacionadas a uma etapa cronológica, mas a valores, atitudes e comportamentos (DEBERT, 1997 e 1998). Coube apenas evidenciar que a presença de filhos e netos, ou de parentes consanguíneos, é considerada fundamental nessa vida pelas interlocutoras, a qual é comumente caracterizada, pelas interlocutoras e pelo senso comum, pela “decadência física e ausência de papéis sociais” (DEBERT, 1999, p. 14).

Nesse sentido, o artigo buscou contribuir para o entendimento sobre as motivações para a migração. Ou melhor, evidenciou alguns dos fatores salientados pelas interlocutoras como preponderantes no momento de decidir se devem se mudar a outro país para conviver com o companheiro estrangeiro. Dada a importância dos filhos nesses processos de tomada de decisão, consideramos que ainda que possamos denominar essas mulheres de “migrantes por amor”, cabe perguntar a quais sujeitos esse amor se destina.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999. p. 311-327.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ASSIS, G. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Campinas, Unicamp, 2004.
- ASSIS, Glaucia; SASAKI, Elisa M. Os novos imigrantes *do e para* o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, Mary Garcia. *Migrações internacionais: contribuições políticas para o Brasil, 2000*. Brasília: CNPD, 2001. p. 615-669.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BLANCHETTE, T. G. “Is it a real marriage?”: imigração e casamentos entre brasileiros e anglo-americanos. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 133-151.
- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Librairie Droz, 1972.
- BOYD, M. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 638-670, 1989.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CHODOROW, Nancy. *Maternidade, dominación masculina y capitalismo. El Patriarcado capitalista y el feminismo socialista*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1980.
- CONSTABLE, N. (Org.). *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1998.
- _____. *Romance on a Global Stage*. Berkeley: Univ. of California Press, 2003.
- DEBERT, G. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, 1997.
- _____. A Antropologia e o Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade. In: BARROS, M. M. Lins de (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- _____. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Imigração, confrontos culturais e (re)construção da identidade feminina: o caso das intermediárias culturais portuguesas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, (5), p. 65-83, 1997.
- FULCHIRON, Hugues. Le Cadre Juridique de la Mixité. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. *Liberté, Egalité, Mixité... conjugales: Une sociologie du couple mixte*. Paris: Economica, Anthropos, 1998. p. 43-61.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1993.
- GREGORIO, C. *Procesos migratorios y desigualdad de género*. Cuestiones de género en el fenómeno de las migraciones. Madrid: Univ. Pontificia Comillas, 2002. p. 11-38.

- HONDAGNEU-SOTELO, P.; MESSNER, M. Gender displays and men's power: The "new man" and the Mexican immigrant man. In: BROD, H.; Kaufman, M. (Orgs.). *Theorizing masculinities*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 200-218.
- MANDERSON, L.; JOLLY, M. *Sites of Desire/Economies of Pleasure: Sexualities in Asia and the Pacific*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1997.
- MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MASSEY, Douglas. The social organization of migration. In: MASSEY, D.; ALARCON, R.; DURAND, J.; GONZÁLEZ, H. *Return to Aztlan: the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 139-171.
- PESSAR, Patricia. Women, Gender and International migration across and beyond the Americas: inequalities and limited empowerment. *Expert Group Meeting on International Migration and Development in Latin America and the Caribbean*. Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat, Mexico City, 2005.
- PESSAR, Patrícia; MAHLER Sarah. *Gender and Transnational Migration*. The Center of Migration and Development: University of Princeton, 2001.
- PFLUGFELDER, G. M. *Cartographies of desire: Male-male sexuality in Japanese discourse, 1600-1950*. London: University of California Press, 1999.
- PISCITELLI, A. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. O.; OLIVAR, M. (Orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, Unicamp/Pagu, 2011. p. 537-582.
- _____. *Geografia política do afeto: interesse, "amor" e migração*. Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Barcelona, 2010. p. 14-22.
- RITTINER, Maria Eduarda Noura. *A experiência dos casamentos interculturais: As Mulheres Culturalmente Transplantadas*. Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Barcelona, 2010. p. 65-72.
- ROCA GIRONA, J. Migrantes por Amor: La búsqueda y formación de parejas transnacionales, AIBR. *Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 2, n. 3, Madrid, Antropólogos Iberoamericanos en Red, p. 430-458, 2007.
- _____. *La excepción reveladora: esposas brasileñas de uniones mixtas en España, Suiza, Italia Y Portugal*. Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Barcelona, 2010. p. 73-80.
- ROCA GIRONA, J. et al. *Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*. 2009. Disponível em: <http://www.inmujer.migualdad.es/mujer/mujeres/estud_inves/766.pdf>.
- ROCA GIRONA, J.; GARRIDO, A. *Hombre español busca brasileña: Perfiles de las mujeres brasileñas y de sus maridos españoles en el marco de los matrimonios mixtos entre hombres españoles y mujeres no españolas. Familias, matrimonios y nuevas conyugalidades*. Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Lisboa, 2012. p. 377-390
- ROSALDO, M.; LAMPHERE, L. (Orgs.). *Women, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.

SANTOS, Marta. *Les Constructions des Stratégies Conjugales et Familiales des Couples Franco-Bresiliens*. Tese de doutorado em Ciências Sociais e Filosofia do Conhecimento. Paris: L'Université Paris-Sorbonne, 2012a.

_____. *Casamento franco-brasileiro: mulheres brasileiras casadas com franceses e morando na França*. Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Lisboa, 2012b. p. 363-376.

SCHAEFFER-GRABIEL, F. Cyberbrides and Global Imaginaries: Mexican Women's Turn from the National to the Foreign. *Space & Culture*, v. 7, n. 1, p. 33-48, 2004.

SEYFERTH, Giralda. Problemas de classe e gênero em narrativas de imigrantes. Simpósio Temático "Os paradoxos das migrações internacionais: suas dimensões étnicas, de classe e de gênero". *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008.

THAI, Hung Cam. Clashing Dreams: Highly Educated Overseas Brides and Low Wage U.S. Husbands. In: EHRENREICH, B.; HOCHSCHILD, A. R. (Orgs.). *Global Woman, Nannies, maids, and sex workers in the New Economy*. New York: Owl Books, 2002. p. 230-254.

_____. *For Better or Worse: Vietnamese International Marriage in the New Global Economy*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2008.

TILLY, C. Transplanted Networks. In: YANS-MC LAUGHLIN, V. (Org.). *Immigration Reconsidered*. NY, Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

TOGNI, Paula. *Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: Gênero e Imigração*. Tese de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa (ISCTE), Departamento de Antropologia, Lisboa, 2008.

VARRO, Gabrielle. *Sociologie de la Mixité: de la mixité amoureuse aux mixités sociales et culturelles*. Éditions Belin: Paris, 2003.

WOORTMANN, K. A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer com heresias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [on-line]*, v. 19, n. 56, p. 129-137, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000300009&lng=en&nrm=iso>.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZAPPONI, Marcela. Departure and Arrivals: motivations and experiences of Brazilian immigrant women in Norway. *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa*. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. Lisboa, 2012. p. 337-348.

NOTAS

1 Dados disponíveis em: <<http://www.cbs.nl/en-GB/menu/home/default.htm>>, divulgados em 25 de abril de 2012. É interessante perceber que os/as brasileiros/as estão classificados/as entre as populações "não ocidentais". Neste artigo, trago esse termo entre aspas para relativizá-lo, pois, para além das divisões geográficas, apresenta representações eurocêntricas e é produto de relações socioculturais, políticas e econômicas marcadas por desigualdades e hierarquias. No momento da pesquisa, não havia estatísticas sobre os números de uniões entre indivíduos do mesmo sexo, nem entre brasileiras e holandeses e entre brasileiros e holandeses

2 A lei exclui a obrigatoriedade de visto e aprovação em testes de cidadãos da Austrália, Canadá, países da União Europeia, Japão, Mônaco, Nova Zelândia, Estados Unidos, Coreia

do Sul, Suíça e Vaticano. O Migrant Integration Policy Index (2007) considera que a Holanda apresenta condições desfavoráveis para reunificação familiar por causa dos critérios de elegibilidade.

3 Essas informações podem ser encontradas no site do governo da Holanda, em holandês e em inglês: <www.government.nl>

4 Roca Giroca descreve as dinâmicas que envolvem o início desses relacionamentos, as quais se aplicam às interlocutoras brasileiras que começam com visitas do homem europeu ao país de origem da namorada, e posterior ida desta ao país europeu (Roca Girona, 2007).

5 Piscitelli (2010) diz que, entre suas entrevistadas, apenas parte delas associa o amor às suas uniões com espanhóis. Outras associam os casamentos a afeto, o qual está mais associado a apoio emocional, respeito e companheirismo. Isso se traduz, nas palavras da autora, em serem “bem tratadas” e em receberem “ajuda”, o que inclui o cuidado aos filhos de casamentos de uniões anteriores. Piscitelli observa que essas diferenças são observadas em relação ao grau de escolaridade e origem mais próxima ao rural. A antropóloga conclui também que a interpenetração entre afetos e interesses remete a reconfigurações de padrões existentes no Brasil, o que ajuda a problematizar a vinculação dessas uniões a um processo de intensificação da “mercantilização da intimidade”.

6 Estudos com brasileiros nos Estados Unidos mostram como o *Green Card* (que implica a autorização para morar e trabalhar legalmente nos Estados Unidos) é valorizado pelos imigrantes brasileiros por possibilitar a ida ao Brasil e o retorno aos Estados Unidos. Desse modo, o *Green Card* não resulta necessariamente em uma maior permanência nos Estados Unidos, pois permite a visita aos familiares, parentes e amigos que permaneceram no Brasil, reforçando os laços transnacionais (ASSIS, 2004).

7 Feldman-Bianco (1997, p. 66) afirma que a experiência da desterritorialização pode levar a uma série de transformações na vida dos sujeitos que migram: “Sobretudo, como tornam-se simultaneamente sujeitos e atores ativos dos processos hegemônicos de seus países de origem e de recepção, esses processos acabam por redefinir ‘as categorias por meio das quais vivem suas vidas, recriam seus imaginários e compreendem seus mundos’. Por conseguinte, esses processos refletem também as relações de dominação, de resistência e de classe, bem como as contradições que permeiam os embates, as negociações e as (re)construções de identidade”. As mudanças dos papéis de gênero e seu cruzamento com a categoria “classe” é problematizada por Seyferth (2008). Analisando textos escritos em diferentes épocas, a autora analisa a formação de núcleos coloniais e a elaboração da identidade de imigrante, construída a partir das dificuldades da vida colonial. Seyferth conclui que os relatos evidenciam a reconfiguração dos papéis femininos e masculinos, operada no meio colonial por imigrantes oriundos de diferentes setores de classe média.

8 Utilizo a denominação “homens do Norte” conforme aparece nas literaturas antropológica e sociológica sobre casamentos mistos, mas ciente de que esse termo é problemático, já que não é apenas um termo geográfico, pois trata de homens de diferentes países e de contextos sociais e culturais distintos.

9 Hondagneu-Sotelo e Messner (1994) mostram o papel da mídia na expansão da ideia de anglo-saxões como “homens sensíveis”, em oposição ao “machismo latino” dos homens mexicanos – contraposição semelhante à realizada pelas brasileiras entre homens brasileiros e homens holandeses.

10 De forma semelhante, mulheres mexicanas pesquisadas por Schaeffer-Grabiel (2004) descrevem os homens mexicanos em oposição aos homens norte-americanos, com quem têm ou pretendem ter relacionamentos afetivos.

11 Em geral, para terem seus diplomas de conclusão de curso universitário validado, as brasileiras com quem tive contato durante a pesquisa de campo precisam cursar disciplinas em universidades holandesas, a fim de “completarem” sua formação. Antes disso, porém, para serem aceitas nas universidades, necessitam concluir cursos de holandês e passar por testes de proficiência no idioma.